



Volume 10 - Número 25

doi: [10.25247/paralellus.2019.v10n25.p461-474](https://doi.org/10.25247/paralellus.2019.v10n25.p461-474)

## A INSERÇÃO PROTESTANTE EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE DA PROPAGANDA RELIGIOSA DE ROBERT REID KALLEY NA ILHA DA MADEIRA

THE PROTESTANT INSERTION IN PORTUGAL: AN ANALYSIS OF ROBERT REID KALLEY'S RELIGIOUS ADVERTISING IN MADEIRA ISLAND

*José Roberto de Souza\**  
*Edjaelson Pedro Silva\*\**

### RESUMO

A inserção protestante em Portugal se deu pelo trabalho missionário de Robert Reid Kalley (1809-1888). Tal inserção se deu em uma possessão portuguesa, a Ilha da Madeira, onde Kalley e sua esposa fixaram residência em busca de melhor saúde. O objetivo desse artigo é analisar os métodos da propaganda religiosa de Kalley, bem como os impactos dessa propaganda que geraram a expulsão do médico escocês e, mesmo assim, estabeleceram as bases para a fundação da primeira igreja protestante portuguesa.

**Palavras-chave:** Robert Reid Kalley, Protestantismo português, Calvinistas, Ilha da Madeira.

---

\* Doutor e Mestre em Ciências da Religião (UNICAP). Mestre em Teologia e História (SPN). Atualmente é coordenador do Departamento de História e professor de História da Igreja no Seminário Presbiteriano do Norte. É Membro-Pesquisador do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos (UNICAP). E-mail: [revjoseroberto@gmail.com](mailto:revjoseroberto@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6613894140812704>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7275-4325>.

\*\* Doutorando em Ciências da Religião no PPG-CR da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP (2017). Mestre em Ciências da Religião pela mesma universidade (2016). Bacharel em Direito pela UNICAP (2014). Graduado em Teologia pela mesma Universidade (2008). Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Congregacional do Nordeste (2004). E-mail: [e.petrossilva@gmail.com](mailto:e.petrossilva@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0552989061939390>. Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-1848-6005>.



## ABSTRACT

Protestant insertion in Portugal was due to the missionary work of Robert Reid Kalley (1809-1888). This insertion occurred in a Portuguese possession, Madeira Island, where Kalley and his wife settled in search of better health. The purpose of this article is to analyze Kalley's methods of religious propaganda, as well as the impacts of this propaganda that led to the expulsion of the Scottish doctor and yet laid the foundation for the founding of the first Portuguese Protestant church.

**Keywords:** Robert Reid Kalley, Portuguese Protestantism, Calvinists, Madeira Island.

## 1 INTRODUÇÃO

Robert Reid Kalley (1809-1888) nasceu em Glasgow, Escócia. Órfão de pai logo cedo, foi educado pela mãe e pelo padrasto. A morte da mãe, quando Kalley ainda era muito jovem, causou um impacto profundo em sua religiosidade. Sua formação médica acabou por aprofundar sua convicção agnóstica, distanciando-o cada vez mais do universo religioso. Tal distância, contudo, iria arrefecer e desaparecer por completo enquanto Kalley clinicava para pessoas pobres da cidade de Kilmanorck, onde havia estabelecido um consultório. Voltando a crer em Deus, o médico se ligou a Igreja da Escócia e decidiu servir como missionário na China. Contudo, a doença de sua noiva, Margaret Crawford o fez mudar de planos. Contraindo casamento, seguiu para a Ilha da Madeira em busca de cura para sua esposa que sofria de tuberculose. Foi essa mudança involuntária de planos que iniciou o protestantismo em Portugal e que gerou sua primeira igreja protestante.

A Ilha da Madeira foi descoberta em 1418 por Tristão Vaz e João Gonçalves Zarco – as informações que se tem, pelo menos do último, era que foi aluno da famosa escola de Sagres, em Portugal (FORSYTH, 2006, p.26). A lenda em torno da descoberta fala de um jovem casal inglês, Robert e Anne que, fugindo da contrariedade dos pais por causa de seu relacionamento, decidiram se lançar ao mar numa embarcação contratada. O barco se perdeu no mar, navegando sem rumo durante dias, até se dar na praia de uma Ilha. Enquanto todos os ocupantes seguiram para a exploração dela, o barco se viu raptado pela fúria do mar. Os marinheiros decidiram por construir outro barco, mas, nesse ínterim, o jovem casal faleceu. Um dos marinheiros sobreviventes teria encontrado em Marrocos um português chamado João de Moraes e relatado sua história. Foi esse, diria a D. Henrique de Sagres, que decidiu enviar um grupo de

exploração para uma ilha ao largo do Marrocos. Foi assim que em 1418, os dois navegadores descobririam a Ilha, anexando-a a possessão portuguesa.

A Ilha, apesar de ter grandes proporções, cerca de 800 metros quadrados, e de ser muito montanhosa, com elevações atingindo 900 metros, não tinha nem habitantes, nem animais, apenas pássaros e peixes quando do descobrimento. Logo, pela sua localização, foi transformada em posto estratégico para as navegações. O nome “Madeira” viria das florestas fechadas. Porto Filho (1987, p. 29) relata a tentativa de se povoar a ilha com animais europeus, o que, em alguns casos, revelou-se em um desastre ambiental. Esse foi o caso do coelho, que se tornou uma verdadeira praga na Ilha e para exterminá-lo, foi necessário atear fogo em boa parte do território, o que quase se transformou uma tragédia maior.

As fontes de renda da Ilha, eram a cana-de-açúcar, ali introduzida pelos portugueses, vinda da Sicília, além da plantação de uvas. Em relação ao vinho, a recém-criada cidade de Funchal teria um papel importante, consolidando-se como a cidade do vinho, em meados do século XIX. Foi exatamente durante o bloqueio continental de Napoleão, abordado no capítulo um, que trouxe um tempo de prosperidade ao comércio de vinho uma vez que a Inglaterra, privada do vinho do continente, achou na Ilha seu principal fornecedor.

## **2 A PROPAGANDA PROTESTANTE**

Os Kalley chegaram ali em 1838 e encontraram, além de muitos estrangeiros, muita pobreza social disfarçada pelo belo cenário natural (PORTO FILHO, 1987, p.29). A colônia inglesa era expressiva. Forsyth (2006, p. 27), por exemplo, relata que o comércio inglês era forte e emanava de uma fábrica inglesa de Funchal que, nas palavras do escritor inglês “dominava todo o comércio da Ilha [...] Ela quase constituía um Estado dentro do outro”. Naturalmente, seja por razões econômicas, culturais ou ambas, a comunidade inglesa passou a viver isolada, mantendo relações com os portugueses apenas para o comércio. Havia o clube da cidade, o clube do campo, além de bares e recreações apenas para a colônia britânica (FORSYTH, 2006, p.35), mostrando que havia uma comunidade dentro da outra com língua e costumes próprios, sem se misturar com os portugueses habitantes da Ilha da Madeira.



**Figura 1:** Robert Reid Kalley.

**Fonte:** Porto Filho, 1987, p.7

A religião também criou raízes durante a ocupação da Ilha da Madeira pela coroa portuguesa. Quando Robert Kalley chegou a Ilha para nela se estabelecer esta já era uma área secularmente católica. Fernando Fernandes (p. 25) afirma que havia pelo menos 140 sacerdotes de Roma, quando os Kalley chegaram a Ilha. Se, o número de sacerdotes surpreende, quanto a publicações religiosas, os números não são espantosos, havia apenas 80 bíblias. Existia ainda, para os estrangeiros, a liberdade de seguir a tradição protestante, com certeza, vemos aqui, como vimos no Brasil, os mesmos efeitos políticos do contato entre ingleses e portugueses quando do bloqueio continental. Os ingleses se reuniam em uma igreja anglicana, a paróquia da Sagrada Indivisa Trindade, a única igreja protestante e que congregava membros dessa colônia para o culto. Isso acontecia graças a previsão legal na Constituição Portuguesa de 1822, mesmo ano que a capela protestante foi erguida, cujo artigo 6º decretava que:

A religião Apostólica Romana Continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras Religiões serão permitidas aos Estrangeiros com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma algum exterior de templo (LEITE, 2009, p.22,23).

Vê-se que para o mesmo diploma, ser cidadão português, implicaria, também, ser católico pois, a religião católica era a religião do Reino (LEITE, 2009, p.23). Culturalmente ficavam imbricados o pertencer a um e a outro. Assim, apesar de os acordos comerciais trazerem dispositivos legais que permitiriam ao protestantismo

estar presente sem perturbações, buscava-se salvaguardar o papel do catolicismo dentro da estrutura social.

Os protestantes podiam estar presentes, desde que não perturbassem a ordem, não agredissem a religião oficial e não fizessem proselitismo. Podiam ter seus lugares de culto, sem aparência externa. Além disso, o Tratado de Navegação e Comércio, celebrado entre as duas nações, Portugal e Inglaterra, trazia um dispositivo sobre o uso da religião:

O tratado esclarece e explicita o seu sentido, decretando que os fiéis 'poderão reunir-se para objetos de culto público e para celebrarem os ritos da sua religião nas suas próprias moradas e em capelas, ou lugares para esse fim destinados, sem que agora, nem para o futuro sofram o menor embaraço ou interrupção qualquer [...]'. Esse livre exercício da religião compreendia também as cerimônias fúnebres, sendo explicitamente exigido o respeito pelas tradições britânicas, desde os rituais do enterro à construção das sepulturas (LEITE, 2009, p. 25).

Ficava assim demarcado o espaço religioso tanto do catolicismo, dono do capital religioso da Ilha, como também o papel do protestantismo – presente na Ilha através da capela anglicana. As esferas estavam bem separadas, pelo menos na letra da lei, com a ausência de proselitismo por parte dos protestantes que, por sinal, viam em sua religião uma extensão de sua cultura e do catolicismo que continuava gestor, sem rivais, dos bens de salvação.

Os Kalley se aproveitariam dessa margem de liberdade oferecida pela legislação para o futuro trabalho que realizariam. É claro que nos planos iniciais de Kalley, eles ficariam até a recuperação de Margareth e partiriam para a China, real alvo dos planos missionários do médico (PORTO FILHO, 1987, p. 31). Mesmo assim, ele se dispôs a aprender a língua portuguesa, para facilitar o trabalho médico, e conversar com nativos sobre o evangelho. A sugestão de João Fernandes Dagama é que a propaganda evangélica já estaria nos planos de Kalley quando pensava em seguir para a Ilha (DAGAMA, 1896, p.7).

Ao frequentar o culto da Igreja da Inglaterra, o formalismo excessivo não o agradou (PORTO FILHO, 1987, p. 31). No domingo seguinte, Kalley começou um culto em casa, com a família e três empregados. Assim, alguns protestantes, também

insatisfeitos com o rito anglicano, começaram a frequentar esse culto, até que um comerciante inglês cedeu a ampla sala de sua residência para que os cultos continuassem. A primeira reunião nesse novo lugar foi em 9 de dezembro de 1838.

Nesse momento, com deliberada vontade e ação para evangelizar os portugueses, trazendo para os mesmos um capital religioso que até então estava restrito a estrangeiros, Kalley não apenas se torna um descumpridor da lei e dos acordos celebrados até então mas, também, encarna o melhor exemplo de imagem do profeta bourdieuano (BOURDIEU, 2013, p. 60-61), isto é, aquele que à revelia da Igreja e de seus sacerdotes, coloca-se como produtor e distribuidor de bens de salvação, dependendo, para isso, única e exclusivamente dele. Há, aqui, ainda, na ação do profeta, a busca de subverter a ordem simbólica estabelecida pelos sacerdotes e a criação de uma nova ordem, a partir da demanda religiosa satisfeita. Kalley então, assume, para si, o papel de evangelizador na busca dessa satisfação de parcela da sociedade madeirense.

O campo religioso na Ilha da Madeira, até então sem grandes conflitos, ameaça, por causa da ação de Kalley, romper a paz, fragilmente estabelecida 64 através de acordos habilmente tecidos politicamente. É claro que isso não acontece de forma instantânea. O pároco anglicano foi a primeira voz a se manifestar contrária aos cultos, conseguindo que alguns se retraíssem de frequentar as reuniões – mas um grupo não atendeu. É interessante notar que tal contrariedade vem de um pároco protestante que via na ação do jovem médico missionário, um rival dentro de seu campo religioso, e não um rival para o catolicismo. Mesmo assim, o trabalho continuou. Na busca de evangelizar os portugueses, Kalley abriria três pontos de trabalho nos dois anos seguintes, que estavam interligadas para o melhor desenvolvimento de sua missão (PORTO FILHO, 1987, p.31). Conforme o esquema abaixo, as áreas não eram independentes em si: o médico, o educador e o pastor encontravam-se na ação pastoral:



**Figura 2:** Estratégias de Robert Kalley

A propaganda protestante feita por Robert Kalley não enxergava uma relação dicotômica entre o corpo e o espírito. Ambos deviam ser trabalhados e cuidados. Por isso, ele concebe para seu ministério um olhar para a evangelização que considera também a ação social como parte dela de forma que, na Ilha da Madeira, Kalley antecipa uma forma de missão eclesial que apenas um século depois, seria trabalhado conceitualmente<sup>1</sup>.

Para colocar seu plano em ação, em primeiro lugar, ele escreveu a Sociedade Missionária de Londres<sup>2</sup> ainda em janeiro de 1839, aproveitando os contatos passados para fazer um pedido: que a Sociedade adotasse a Ilha da Madeira, como também uma de suas áreas de atuação, e adotasse a ele, Kalley, como ministro (FORSYTH, 2006, p.32). Ser ordenado ao ministério resolveria um problema, uma vez que alguns protestantes o acusavam de não ter o direito de pregar o evangelho, atividade feita apenas por ministros ordenados. Kalley, descrito por Forsyth como alguém que não se importava muito com o parecer de instituições, uma vez que entendia que a evangelização poderia ser realizada por qualquer pessoa disposta a fazê-la. Para que não houvesse nenhuma queixa atendeu explicando, em suas palavras, na carta a Sociedade, “sou avesso a qualquer coisa que possa arruinar

---

1 Apenas com o surgimento da chamada Missão Integral, no século XX, é que o protestantismo trabalharia conceitualmente uma forma de missão em que a ação social e a evangelização caminham juntas, sendo vista como inseparáveis

2 As Sociedades missionárias eram agências de fomento e envio de missionários, bem como buscavam canalizar sustento para os mesmos.

minha própria utilidade, prefiro fazer para com todos, com o fim de salvar alguns” (KALLEY *in* FORSYTH, 2006, p.32).

A resposta da Sociedade foi remetida a Funchal em 1º de fevereiro. Nela, a Sociedade Missionária de Londres não aceitava a oferta de Kalley de adotar a Ilha da Madeira por não estar dentro de sua área de atuação – o fato da Ilha da Madeira já ser católica, fazia com que a Sociedade não tivesse interesse na adoção e colocasse seus recursos em áreas consideradas por ela como pagãs. Mesmo assim, alguns ministros, no exercício de sua autoridade, estavam prontos para ordenar Kalley ao ministério. A ordenação, ou reconhecimento como Kalley preferia, aconteceu aos 18 de julho de 1839 em Londres (FORSYTH, 2006, p.35).

De volta a Ilha, ele organizou sua primeira escola. Um dos problemas que ele observou ao chegar foi o alto índice de analfabetismo, principalmente pelo interior. Havia escolas, mas além de particulares não havia uma cultura de enviar crianças com medo que a instrução ali adquirida afastasse os filhos dos trabalhos necessários na lavoura e os fizesse malandros como políticos e sacerdotes da cidade (PORTO FILHO, 1987, p.29). Kalley abriu escolas e subsidiou o salário dos professores com recursos próprios. A escola era gratuita porque visava os mais pobres: crianças pela manhã, adultos à noite. Forsyth (2006, p.44) diz que os professores tinham apenas a educação básica e que apesar das dificuldades o trabalho progrediu com a abertura de outras escolas, chegando logo ao número de 20 escolas com um total de 800 alunos. Numa carta, Robert Kalley escreve com alegria sobre as conquistas educacionais:

Centenas de homens, após um dia duro de trabalho no campo, iam à escola à noite e, em quase todos os casos, eram motivados pelo desejo não meramente de ler as palavras dos homens, mas sim a palavra de Deus. Eu penso que quase dois mil e quinhentos frequentaram as escolas entre 1839 e 1845, e, destes, mais de mil 66 entre as idades de quinze e trinta anos aprenderam a ler as Escrituras e a estudá-las por si mesmos (FORSYTH, 2006, p.44).

O Livro texto era a Bíblia, como se vê. Justamente a tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo confeccionada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira que viu, no trabalho de Kalley, uma ótima ocasião para fazer uso dessas Bíblias. Para se ter ideia do alcance desse trabalho de ensino e distribuição, quando ele chegou na Ilha,



havia 80 Bíblias, três anos depois, cerca de 3 mil livros religiosos, entre bíblias, evangelhos e livros de Antigo Testamento (FERNANDES, 2004, p. 25). Se os livros religiosos eram a base para a educação, o método era simples, mas se revelou bastante eficaz, pois o aluno alfabetizado ajudava o outro que estava apenas começando.

Enquanto as escolas ainda davam passos para a consolidação, em 1840, Robert Kalley decidiu abrir um hospital para os pobres, com 12 leitos e serviços de clínica e farmácia (TESTA, 1963, p. 29). Havia dois médicos britânicos na Ilha, o que fazia sobrar mais tempo para atender aos pobres, receitando e se fosse preciso internando. Pelo menos 50 pacientes eram atendidos por dia (FORSYTH, 2006, p.40). Durante o atendimento, o médico deixava claro que não era ele quem curava, mas Deus, sempre se ajoelhando e orando antes de qualquer diagnóstico. Para se habilitar a esse trabalho, ele havia passado por um exame em 1839 em Lisboa, onde foi licenciado para exercer Medicina Cirúrgica em Portugal (TESTA, 1963, p. 27). Em maio de 1841 a câmara municipal de Funchal decidiu por homenagear o bom doutor, como Kalley ficou conhecido, numa seção solene.

Com todo o trabalho desenvolvido, as pessoas começaram a frequentar os cultos no Domingo. Michael Testa (1963, p.33) afirma que frequentemente mais de mil pessoas estavam lá, ocasionalmente duas mil, chegando uma vez a ir cerca de cinco mil pessoas. É claro que algo assim atrairia atenção e despertaria ciúmes. Mas, não foi o clero romano quem começou a se perturbar com o trabalho de Kalley. O primeiro ataque veio dos médicos e dos donos de comércio, já no final de 1841. Os primeiros, sentindo-se prejudicados com a perda de clientes, começaram uma campanha para desacreditar o bom doutor dizendo que ele além de filantropia, estava propagando o protestantismo – o que era verdade. Essa queixa tinha como claro objetivo o interesse de despertar alguma ação do clero. Quanto aos segundos, a queixa, era que os alunos das escolas estavam ficando criteriosos demais na relação comercial (PORTO FILHO, 1987, p. 39). Isso demonstra que a educação nas escolas não estava baseada apenas no alcance espiritual da vida, ou mesmo uma simples alfabetização, mas contemplava também relações sociais e comerciais.

### 3 OPOSIÇÃO, EXPULSÃO E RECOMEÇO

Ainda nesse ano, o bispo D. Januário Camacho chamou Robert Kalley para conversar e pediu que ele não pregasse, pois esperava que a relação de amizade estabelecida até aqui surtisse efeito, mas o pedido foi negado pelo missionário. Ao que parece, não se sabe se pelos apelos dos médicos, o clero e as autoridades da Madeira se deram conta de que na pele do benemérito furava o evangelizador (FERNANDES, 2004, p. 41). A partir daí o tratamento dispensado a Kalley muda profundamente. Ele não é mais visto como um colaborador para o progresso social, mas como um inimigo no campo religioso. Um inimigo forte, pois, as atividades de Kalley, sempre em expansão, atendiam à população nos anseios espirituais e sociais da mesma, legitimando a pregação protestante em um ambiente historicamente católico. Bourdieu (2013, p. 51) lembra que nos embates ocorridos dentro do campo religioso, sairá vencedora a mensagem que for:

Mais capaz de satisfazer o interesse religioso de um grupo determinado de leigos, e de exercer sobre ele o efeito propriamente simbólico de mobilização que resulta do poder de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário (2003, p.51)

Dessa forma, a obra realizada por Kalley progredia, resultando no estabelecimento de uma nova igreja, portuguesa e protestante. Ainda nos anos 1841 a 1842 houve um enorme progresso da obra protestante que parecia sair vencedora da batalha travada por fiéis, até que os adversários de Kalley desferiam golpes mortais em sua obra filantrópica, com o objetivo de matar ainda no nascedouro, a propaganda protestante, em 1843.

Sob a alegação de que apenas um farmacêutico pode exercer farmacologia, os serviços médicos foram proibidos. Requerendo permissão para fazer o exame oficial de farmacologia ele foi informado que se fizesse não poderia exercer medicina pois ninguém pode exercer as duas coisas ao mesmo tempo (TESTA, 1963, p. 36). Sem poder fornecer remédios, o hospital se viu inutilizado. Quanto às escolas, o município entendeu que apenas pessoas qualificadas poderiam ensinar e ordenou o fechamento das mesmas, em janeiro do mesmo ano, um casal de professores foi preso, acusados de desobediência civil (TESTA, 1963, 68 p. 37). No mesmo dia, uma senhora foi acusada de ler e explicar a Bíblia, sendo condenada a quatro meses de prisão.

Sinalizava-se aqui o tratamento que seria dado aos “hereges calvinistas” (TESTA, 1963, p. 52) ou bagaços (FERNANDES, 2004, p. 18), como ficaram conhecidos os adeptos do protestantismo – tais nomes que, por si só, falavam muito: o primeiro, na identificação da origem da doutrina pregada na Ilha da Madeira, a doutrina de João Calvino<sup>12</sup>; vale salientar que os calvinistas tiveram seu nome ligado a duas invasões na importante colônia do Brasil, a primeira com os franceses (1555-1560) e a segunda com os holandeses (1630-1654) deixando, com isso o aspecto sempre pejorativo à imagem desse grupo protestante. O segundo nome é carregado de preconceito e ódio. Bagaço ou bagaceira era a definição para gente baixa e de maus costumes, e que agora, na Ilha, passou a ser usada para definição de protestante.

Os ataques não pararam no cancelamento da obra filantrópica, nem na violência simbólica. Alegando uma lei inquisitorial datada de 1603, as autoridades decidiram prender Robert Kalley, que ficaria seis meses preso, podendo receber até três visitas por dia desde que não cantassem músicas protestantes nem lessem a Bíblia (TESTA, 1963, p.41). Com a prisão, o interesse agora era fazer deixar de circularem as Bíblias. Com esse intuito e para que isso acontecesse, o bispo emitiu cartas que deveriam ser lidas em todos os púlpitos acusando-a de adulteração e excomungando qualquer um que lesse a tal Bíblia adulterada. O plano teria dado certo se não fosse uma intervenção da Coroa Portuguesa, afinal, um edito promulgado pela própria rainha em outubro de 1843, aprovava o uso da Bíblia da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (FORSYTH, 2006, p. 60-61), tendo assim o bispo que se retratar.

Ao analisar o ataque às Bíblias que os protestantes usavam, percebe-se que a estratégia era pôr em evidência que o discurso protestante era, já na base, falsificado e, por isso, o capital religioso que o protestantismo tinha a oferecer padecia de veracidade, sendo apenas um engodo. Essa estratégia seria usada também no Brasil, quando da inserção do protestantismo aqui.

Voltando a Robert Kalley, esse foi solto em janeiro de 1844, porque o governo britânico veio ao seu auxílio através do trabalho do Embaixador Britânico em Lisboa. Os britânicos da Ilha alegaram que Kalley não havia infringido nem a Constituição Portuguesa nem o tratado de 1842. A soltura não queria dizer paz. As perseguições se intensificaram; nesse mesmo ano surge a alcunha que Kalley ficaria conhecido: O

lobo da Escócia (FERNANDES, 2004, p. 50), uma referência à passagem do Evangelho, onde Jesus diz que lobos se viriam disfarçados de pastores; mais uma violência impetrada na busca de deslegitimar o discurso protestante. Mesmo assim, em maio de 1845, funda-se clandestinamente a primeira igreja protestante portuguesa, a Igreja Presbiteriana de Funchal, tendo como pastor o reverendo William Hepburn Hewitson (FERNANDES, 2004, p.51).

Com a mudança de governo na Ilha da Madeira e o ultimato dado pelo bispo em Lisboa, o cenário foi montado para um trágico desfecho do trabalho protestante na Ilha. Em 9 de agosto de 1846, aconteceu na Madeira o que os biógrafos de Kalley denominaram O dia de São Bartolomeu da Ilha da Madeira. Naquele dia e nas semanas seguintes, provocados pelas lideranças da Ilha, uma multidão de católicos decidiu pôr fim às atividades de Robert Kalley e de seus seguidores. Casas foram arrombadas, protestantes espancados – muitos fugiram para as montanhas temendo pela vida (TESTA, 1963, p. 57-59).

O alvo, no dia 9 de agosto, era a família de Kalley. Margareth Kalley havia, logo cedo, e a conselho de amigos, abrigando-se na casa do cônsul inglês. Kalley quis ficar em sua residência, mas, também atendendo aos conselhos, disfarçou-se de uma idosa doente e foi transportado em uma rede (modo como levavam doentes na Ilha) para junto da esposa. Encontrando com sua esposa, embarcaram num navio que estava no cais, enquanto sua casa era queimada com tudo dentro (TESTA, 1963, p. 60). Não foram apenas os Kalley que tiveram de fugir da violência imposta naquele dia, a diáspora dos protestantes portugueses foi de pelo menos duas mil pessoas – algumas se abrigaram em Springfield, EUA, fundando colônias portuguesas, outras no Havaí. Na Ilha, o clima de intolerância permaneceu durante décadas. Só a partir de 1875 se permitiu que os protestantes evangelizassem os madeirenses (FERNANDES, 2004, p. 62).

Dispersos, os protestantes portugueses receberiam muitas vezes a visita de Kalley. Foi numa dessas visitas aos Estados Unidos, que entrou em contato com 70 uma carta de um missionário, o já citado James Fletcher, que relatava seu trabalho feito no Império brasileiro e pedia ajuda para a evangelização do maior país do continente

latino americano, aproveitando o momento histórico de certa flexibilidade legislativa para a propaganda protestante

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção protestante em Portugal, que se deu em sua “periferia”, na Ilha da Madeira, foi fruto de um trabalho pioneiro e solitário nos moldes de profetismo, tal como definiu Pierre de Bourdieu, e depois se institucionalizou gerando a primeira igreja presbiteriana portuguesa.

O objetivo desse artigo foi traçar as estratégias desse primeiro momento, demonstrando como Robert Kalley, já morando na possessão portuguesa, desprende-se a princípio de sua própria comunidade inglesa e decide iniciar uma reunião para leitura da bíblia e oração. A seguir, à estratégia é anexada a plataforma social que produz impacto imediato na população mais carente. O sucesso de Kalley na construção de seu capital político atraiu inimigos que acabaram por expulsar não apenas o médico escocês, mas, com ele, cerca de dois mil portugueses – uma diáspora religiosa em língua portuguesa na modernidade.

Robert Kalley foi responsável também pela inserção do protestantismo em língua portuguesa no Brasil. Um paralelo entre as missões realizadas por esse mesmo ator demonstram, contudo, que a experiência na Ilha da Madeira não seria transportada para o Brasil, privilegiando aqui apenas a evangelização e a distribuição de Bíblias, com o claro objetivo de não provocar atenção para a propaganda. Também, pode-se destacar a ausência do elemento político pró-protestante na Ilha da Madeira, fato que Kalley percebeu quando de sua expulsão e que decidiu por buscar capital também político em terras brasileiras.

#### REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. Vários tradutores. São Paulo. Perspectiva, 2013.

DAGAMA, João Fernandes. **Perseguição dos Calvinistas na Ilha da Madeira**: subsídio para a história das perseguições religiosas. Tipografia Magalhães e Gerlach: São Paulo: 1896.

FERNANDES, Ferreira. **Madeirenses errantes**. Oficina do Livro: Lisboa, 2004.

FORSYTH, William. **Jornada no império**: vida e obra do dr. Kalley no Brasil. Fiel: São Paulo, 2006.

LEITE, Rita Mendonça. **Representações do protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea**: da exclusão á liberdade de culto (1852-1911). Centro de Estudos de História Religiosa: Lisboa, 2009.

TESTA, Michael. **O apóstolo da Madeira**. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963.